



A MULHER SOB A SOMBRA DA CIÊNCIA: ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DO GÊNERO EM *O ALIENISTA*



Patrícia PIROTA*
Marilda Lopes Pinheiro QUELUZ**

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a relação entre o casal protagonista de *O Alienista*, como forma de pensar o diálogo entre ciência, linguagem e gênero. Pretende-se compreender de que forma o gênero e suas relações simbólicas foram representados no conto e em suas quatro adaptações para os quadrinhos (publicadas entre 2006 e 2008). A proposta de análise consiste em discutir de que modo a definição dos papéis de homens e mulheres pode ser delineada através da relação entre *Dona Evarista* e *Dr. Simão Bacamarte*. O objetivo não é tratar de um sexo em detrimento de outro, mas sim da linha tênue entre o masculino e o feminino, como tentativa de mostrar como a realidade histórica pode ser representada pela arte numa perspectiva em que não apenas a dominação patriarcal seja ressaltada, mas também o modo como a mulher se apropriava dessa dominação, na qualidade de sujeito do discurso. Ao se aceitar a pluralidade das relações entre homens e mulheres, se aceita também a existência de suas diferenças. E nessas frestas entre as semelhanças e diferenças podem-se encontrar explicações a respeito não apenas de dominados/dominantes, mas também das relações entre o sujeito e seu discurso.

Palavras-chave: *O Alienista*. Gênero. Quadrinhos.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é compreender as relações engendradas presentes no conto **O Alienista**, de Machado de Assis, publicado em 1882, e em suas quatro quadrinizações homônimas publicadas entre 2006 e 2008. As análises da construção

* Graduada em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

** Graduada em História e Educação Artística pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

dos personagens possibilitam entrever como as representações do feminino e do masculino são atravessadas pelos estereótipos e ideais da sociedade, delineando os valores e costumes de uma época. Pretende-se pensar também de que forma a linguagem gráfica reflete e refrata um dado contexto social de um dado momento histórico, traçando e traduzindo paralelos entre o passado e o presente.

2. A MULHER SOB A SOMBRA DA CIÊNCIA

A necessidade de se discutir o gênero vem de encontro à premissa de não mais se aceitar o determinismo biológico e científico tão arraigado nas práticas sociais. Deve-se “compreender a importância dos sexos, isto é, dos grupos de gênero no passado histórico. [...] Encontrar o leque de papéis e de simbolismos sexuais nas diferentes sociedades e períodos” (DAVIS *apud* SCOTT 1995, p.72). Ao invés de se tratar homens e mulheres como sujeitos fisiologicamente diferentes, enfatizando sua diferença sexual, pretende-se considerar a proposta de Davis, na qual não se deve pensar apenas a partir do sexo historicamente dominado, ou do dominante, mas sim partir da perspectiva histórica e da constituição cultural de ambos.

Para Lubar (1998), gênero é uma construção ideológica e cultural, arraigada de forma complexa às palavras “masculino” e “feminino”. Masculinidade e feminilidade são construções historicamente constituídas que refletem e reforçam as relações de poder na sociedade. Por isso, ao estudar os personagens do conto e dos quadrinhos, é importante tentar compreender os significados que entrelaçam as convenções, os comportamentos e as representações.

As relações entre Literatura e História em Quadrinhos permitem discutir as diferenças e semelhanças entre as linguagens, e a transição entre os dois objetos de análise traz elementos úteis para a compreensão das tensões e conflitos sociais, gerados nas práticas cotidianas individuais e coletivas. As representações artísticas são resultado da expressão de um indivíduo situado em um determinado tempo e espaço, em constante interação com o mundo, o que faz com que sua linguagem seja permeada pelos questionamentos de sua cultura.

Aproximando-se ambos os discursos, pode-se também tecer um diálogo entre o olhar do século XIX, representado pela pena de galhofa de Machado de Assis, e o olhar do século XXI, representado pelos pincéis e tintas dos quadrinistas Francisco Vilachã e Fernando Rodrigues (2006); Fábio Moon e Gabriel Bá (2007); César Lobo e Luiz Aguiar (2008) e Lailson Cavalcanti (2008). De acordo com Scott (1995, p.74) percebe-se a necessidade de uma análise “não apenas da relação entre a experiência masculina e a experiência feminina no passado, mas também da conexão entre a história passada e a prática histórica presente”.

A análise dos objetos levará em consideração tanto os estudos literários, como os de Kátia Muricy (**A razão cética**) e Alfredo Bosi (**História Concisa da Literatura Brasileira**), quanto os estudos semióticos, representados por Ana Claudia Oliveira (**Semioses Pictóricas**). Foram utilizadas também as reflexões propostas por Chalhoub e Pereira, e John Gledson (**A história contada**), os quais analisam a Literatura a partir do prisma histórico. Como suporte teórico para a discussão do gênero, considerou-se, em especial, os estudos de Pierre Bordieu (**A dominação masculina**), Linda Catarina Gualda (**Representações do feminino em Dom Casmurro**), e Joan Scott (**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**).

A escolha pelo viés de estudo deu-se com base no propósito da semiótica, que, segundo Oliveira (1995, p.106), é “pela articulação de seus componentes [do espaço pictórico], re-operar a sua significação”. A passagem selecionada do conto e as imagens recortadas das adaptações serão analisadas com relação às três dimensões propostas por Oliveira (1995), a saber: cromática, eidética e topológica, sem que, contudo, as terminologias sejam utilizadas de forma direta.

Machado de Assis é considerado o grande nome da Literatura Brasileira, tanto por sua grande influência no desenvolvimento e mudança da identidade literária do país, quanto pelo modo crítico, sem, no entanto, configurar como panfletário, com que retratava os ocorridos do século XIX. É comum os críticos se referirem à pena de Machado como sendo ferina e de galhofa. O que pode ser justificado graças ao modo irônico, e de certa forma leve, com o qual ele imbuía os narradores de suas obras.

Tal característica é comparada por Luís Costa Lima (1991) com a de um *palimpsesto*, pois a primeira impressão suscitada pelo texto machadiano é a de uma

bem humorada troça com a sociedade; enquanto que em uma leitura mais profunda, se encontram as discussões, as críticas e os diálogos com os conceitos e as práticas sociais.

Acredita-se que a História em Quadrinhos também pode ser considerada um palimpsesto, pois em um primeiro plano, encontram-se as tintas da diversão e do entretenimento; enquanto que em um segundo plano, estão as reflexões e críticas dos quadrinistas a respeito de sua sociedade.

Segundo Chalhoub e Pereira (1998, p.7), “qualquer obra literária é evidência histórica objetivamente determinada”, e como tal, pode ser considerada uma perspectiva de análise no que diz respeito às mudanças sociais. No entanto, ao mesmo tempo em que há um movimento de inserção da literatura no movimento da sociedade e se observa suas redes de interlocução social, deve-se respeitar e ponderar as características específicas da linguagem.

A análise de obras literárias não deve prender-se apenas a padrões estéticos, mas “procurar contar uma história do movimento [...] de experimentação e consolidação das formas narrativas” (CHALHOUB e PEREIRA 1998, p.10). Por esse motivo algumas figuras das adaptações em quadrinhos foram inseridas neste estudo; pois, ao tratar da releitura de uma narrativa realizada a mais de um século, os autores das adaptações estão continuando o “movimento” da narrativa, ou seja, (re) interpretando a história.

Para Bosi (1986, p.203), o conto **O Alienista** “é um ponto de interrogação acerca das fronteiras entre a normalidade e a loucura e resulta em crítica interna ao cientificismo do século”. De acordo com Muricy (1986, p.16), o texto de Machado critica, de forma radical, os “mitos que ajudavam a implantar no século XIX os mecanismos de normalização da vida social brasileira”, que, segundo a autora, são: a crença evolucionista no progresso, as ilusões do cientificismo e a pretensão humanista do pensamento liberal. Sendo assim, a crítica da obra machadiana é direcionada especialmente à racionalidade burguesa moderna.

Para Muricy (1986, p.33), o tempo no qual está ambientado o conto, os tais “tempos remotos” (ASSIS 2007, p.13), “parece ironizar um presente cujo *nonsense* fundamental seria esse embate entre o passado dos hábitos e a necessidade que a urgência de acertar o passo com o progresso impunha”. Segundo Gledson (1998, p.26),

“embora a ação [do conto] se situe algures entre 1789 (há referências à Tomada de Bastilha) e 1808 (ainda há vice-rei), o seu tempo histórico é na realidade muito mais elástico”, havendo também referências a revoltas como a da Balaiada (Maranhão, 1839-40).

Outro fator que leva a crer que o período histórico retratado por Machado é realmente mais “elástico”, é, justamente, a representação de D. Evarista; pois, ao retratar a mulher, Machado a coloca em companhia de outros membros da sociedade, tanto em ambientes públicos quanto em ambientes privados, fato que só passou a ocorrer no país em meados de 1800.

Embora algumas personagens femininas de Machado tenham mais destaque que os protagonistas masculinos (como é o caso de Capitu, personagem antológica do romance **Dom Casmurro**), D. Evarista ainda não recebeu a atenção devida quanto a sua representatividade dentro da narrativa. Na grande maioria dos estudos que tratam de **O Alienista**, a personagem só é citada como sendo a esposa nem bonita, tampouco simpática, do grande gênio que é considerado o Dr. Bacamarte.

Desta forma, pretende-se, na análise que se segue, demonstrar que, apesar de o principal tema do conto ser a discussão em torno da ciência e da loucura, também se pode compreender a relação entre a figura feminina e a masculina, o diálogo entre o cotidiano histórico e as práticas sociais definindo os papéis culturais de homens e mulheres.

Como o conto não é dado a descrições, pois desta forma estaria pausando a ação, não há descrições pormenorizadas de D. Evarista. O primeiro momento em que ela aparece na história é assim contado pelo narrador:

D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. [...] Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digerira com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, sãos e inteligentes. Se além dessas prendas, - únicas dignas da preocupação de um sábio, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte. (ASSIS 2007, p.13-14).

De acordo com Bordieu (1995, p.135), é através dos corpos socializados (do *habitus*), “e das práticas rituais parcialmente retiradas do tempo pela estereotipagem e pela repetição indefinida, que o passado se perpetua na longa duração da mitologia coletiva, relativamente libertada das intermitências da memória individual”.

Pode-se observar que a caracterização da personagem nas adaptações foi feita com base na interpretação realizada pelos quadrinistas; a partir de sua releitura da narrativa, e de sua concepção de mulher, cada artista retratou uma D. Evarista diferente, no entanto, há um determinado tipo de “padrão” presente em todas elas, graças a essa “repetição indefinida” afirmada por Bordieu. É interessante observar “como essas imagens de mulher se constroem a partir dos mitos concebidos e se incorporam ao gênero dando-lhe um caráter de naturalidade” (GUALDA 2007, p.372).

Na *Figura 1*, vê-se uma mulher de traços fortes, com nariz, boca e olhos grandes e expressivos, os quais combinam com suas formas voluptuosas. Os cabelos, vermelhos e ondulados contribuem para atribuir uma sensação de força e coragem à personagem.



Figura 1 D. Evarista por Lobo e Aguiar (2008, p.8).

Já na *Figura 2*, observa-se uma mulher com as feições rudes e com o rosto coberto por marcas de expressão, como se levasse uma vida sofrida e amarga; seus cabelos, lisos e modestamente presos em uma fita demonstram que ela não tem a necessidade de sentir-se bela.



Figura 2 D. Evarista por Moon e Bá (2007, p.10)

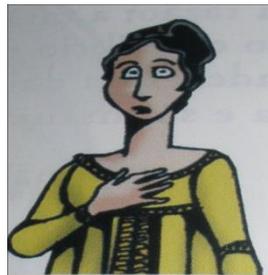


Figura 3 D. Evarista por Cavalcanti (2008, p.6).

Na *Figura 3*, há uma mulher com os traços limpos, com o contorno bem marcado, olhos bem abertos, boca pequena, cabelo preso em coque e mão no peito como as “mocinhas dos romances”, como estivesse prestes a suspirar; o que denota uma mulher frágil e sem muita convicção em si mesma.

E por último, na *Figura 4*, os traços são ligeiramente desproporcionais, como se exaltando a falta de beleza da personagem (sendo que uma das maiores características da beleza é a harmonia); seus traços também são rudes (sem, no entanto, ter a aparência amargurada), e sua expressão denota discricção e certa insegurança.



Figura 4 D. Evarista por Vilachã e Rodrigues (2006, p.4).

O segundo ponto de discussão levantado por esse excerto é a ligação entre a mulher e sua intrínseca vocação para a reprodução humana. Ao ser indagado sobre a falta de atrativos físicos de sua esposa, Dr. Bacamarte alega que as mesmas são desnecessárias, visto serem possíveis distrações em seu interesse mais valioso, a ciência. Assim como a tradição, Bacamarte aprecia as características recomendadas a toda mulher de moral e bons costumes: que ela tenha uma boa saúde, capaz de lhe dar bons rebentos; que seja modesta e recatada; e que compreenda que deve ser servil a seu esposo que tem o dever de lhe proteger.

A divisão das características de um indivíduo baseada em suas qualidades masculinas ou femininas, pode ser considerada como “uma construção social que tem a ver com a distinção masculino/ feminino, colocando a mulher numa posição de inferioridade e veiculando uma imagem negativa dessa mulher” (GUALDA 2007, p.372). Tais características, baseadas em “pares de oposição” (BORDIEU 1995), podem ser consideradas como produtos da incorporação das relações de poder, pois não há discussão sobre qualquer construção social, em especial a construção do gênero, que não passe pela discussão de relações de poder.

D. Evarista mentiu às esperanças do Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um régimen alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, - explicável, mas inqualificável, — devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes. (ASSIS 2007, p.14).

Laqueur (2001, p.20) afirma que a ciência podia não ser capaz de “explicar o conceito sexual, mas podia fornecer a base a ser usada como teorização”. Pode-se observar esta afirmação no excerto acima. Ao perceber que sua esposa tinha problemas para lhe dar filhos, o médico, incapaz de explicar o porquê, reservou-se a buscar teorias e métodos que pudessem remediar a situação. No entanto, ao serem falíveis os métodos, o motivo da infertilidade recaiu sobre o desrespeito às regras de *D. Evarista*, pois o “corpo feminino, gerador da prole, isto é, o meio de continuidade da

família” (ZECHLINSKI 2007) tem a obrigação de perpetuar a raça humana, e, especialmente, o nome das famílias.

É recorrente na literatura do século XIX o castigo sobre as mulheres que não seguiam as regras de conduta determinadas. De modo geral, “a morte e a loucura são formas de castigar a personagem que se desvia do padrão social desejado.” (ARAÚJO 2007, p.3). A D. Evarista não foram dados nenhum dos dois castigos; no entanto, ela ficou como a responsável por dar um fim à linhagem dos Bacamarte, o que, para as mulheres da época, era considerado deveras vergonhoso.

Ela foi uma verdadeira rainha naqueles dias memoráveis; ninguém deixou de ir visitá-la duas e três vezes, apesar dos costumes caseiros e recatados do século, e não só a cortejavam como a louvavam; porquanto,—e este fato é um documento altamente honroso para a sociedade do tempo, —porquanto viam nela a feliz esposa de um alto espírito, de um varão ilustre. (ASSIS 2007, p.18)

No parágrafo acima, o narrador fala sobre a atenção dispensada a D. Evarista por ocasião da inauguração da Casa Verde. Pode-se observar que o papel da mulher era representar, da melhor forma possível, seu esposo. Não lhe era conferido o poder de sujeito, embora lhe fosse designado o papel de objeto. Diante do código de conduta da sociedade, o único privilégio de D. Evarista era o fato de ela estar ao lado de Dr. Bacamarte. No entanto, não é porque à mulher era dado apenas o papel de objeto do discurso, que ela também não podia fazer parte dele, mesmo que de forma quase que silenciosa.

De acordo com Schmidt (1999, p.24), as mulheres são sujeitas a determinadas normas, as quais são “reguladas por práticas sociais e discursivas que sancionam estruturas patriarcais, ou seja, a mulher objeto olhado, falado, desejado e consumido, coexiste com a mulher agente do discurso”. Logo, o fato de a mulher, na maioria das vezes, estar no papel do objeto, não exclui sua capacidade, e necessidade, de também fazer parte do discurso, mesmo que, como no excerto abaixo, de modo indireto.

Note-se que D. Evarista tinha pensado nisso mesmo; mas não quisera pedi-lo nem insinuá-lo, em primeiro lugar porque seria impor grandes despesas ao marido, em segundo lugar porque era melhor, mais metódico e racional que a proposta viesse dele.

—Oh! mas o dinheiro que será preciso gastar! suspirou D. Evarista sem convicção.

Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto,—os olhos, que eram a sua feição mais insinuante,—negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora.(ASSIS 2007, p.24)

De acordo com Chicoski (2008, p.2) “a mulher seduz a partir de símbolos, a partir de um constante jogo de aparências no qual o corpo é sempre o seu grande e principal trunfo”. E tal *corpo* não é necessariamente o físico sustentado pelo esqueleto; podem também ser os olhos, os quais têm o poder de representar as pessoas. Neste ponto seria interessante utilizar os olhos não apenas como representantes de D. Evarista, mas também utilizar a descrição dos olhos de Dr. Bacamarte, para que se possa pensar a dicotomia existente nas características determinantes de homens e mulheres.

O metal de seus olhos não deixou de ser o mesmo metal, duro, liso, eterno, nem a menor prega veio quebrar a superfície da fronte quieta como a água de Botafogo. (ASSIS 2007, p.24).

Enquanto os olhos de D. Evarista representam o etéreo, a luz, os sentimentos; os olhos de *Dr. Bacamarte* representam a rigidez e a frieza do metal, o raciocínio. De acordo com Bordieu (1995, p.138), há um sistema mítico-ritual, o qual classifica todas as coisas com base em distinções redutíveis à oposição masculino/feminino; e “é continuamente confirmado e legitimado pelas próprias práticas que ele determina e legitima”. Tal sistema “encerra os homens e as mulheres num círculo de espelhos que refletem indefinidamente imagens antagônicas, mas capazes de se validarem mutuamente”.

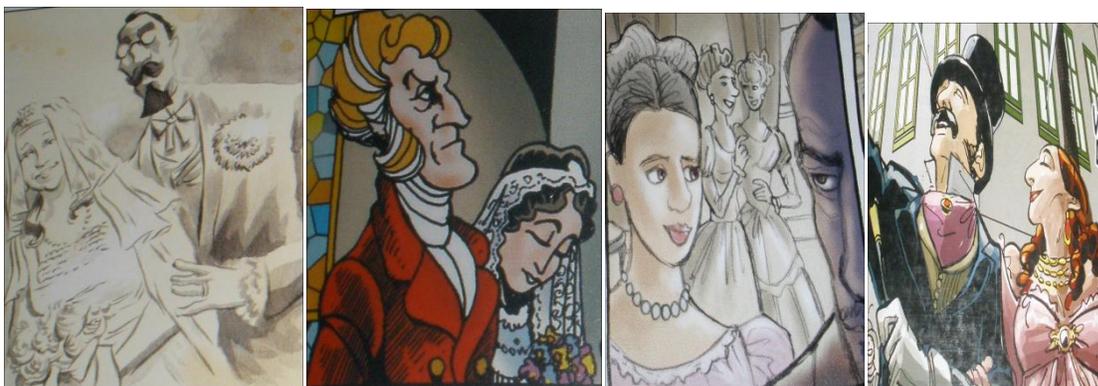


Figura 5

Figura 6

Figura 7

Figura 8

Nas três primeiras representações do casal D. Evarista e Dr. Bacamarte vistas acima, as características masculinas estão presentes na expressão do médico, como a austeridade, o olhar frio e compenetrado, a sisudez e o porte de “homem das ciências”. Ao passo que na *Figura 8*, Dr. Bacamarte está sorrindo, assim como D. Evarista, e não mostra sequer um traço de austeridade. Isso pode ser aliado ao fato de a representação da mulher da *Figura 8* ser a mesma da *Figura 1*, ou seja, uma mulher mais forte e menos submissa.

As mulheres nas *Figuras 5, 6 e 7* (de, respectivamente, Moon e Bá, 2007; Cavalcanti, 2008; e Vilachã e Rodrigues, 2006) estão com as expressões modestas, com um sorriso contido nos lábios e mostram servidão ao esposo. A da *Figura 8* (de Lobo e Aguiar, 2008), ao contrário, se coloca em pé de igualdade. No entanto, esta está em contradição com as outras três, representantes “mais fiéis” da atitude da D. Evarista de Machado de Assis.

Pode-se observar que a D. Evarista do conto é um tanto quanto dissimulada, o que se pode encarar como o modo que Machado encontrou de mostrar que, apesar de a mulher dever respeito e servidão ao homem no século XIX, ela não era de todo um objeto, fazia também parte do discurso, embora de um modo mais velado. “Mesmo Machado de Assis sendo um defensor das idéias feministas, ainda não havia espaço para o questionamento da condição da mulher na puritana e moralista sociedade da época.” (GUALDA 2007, p.375).

D. Evarista teve notícia da rebelião antes que ela chegasse; veio dar-lha uma de suas crias. Ela provava nessa ocasião um vestido de seda,—um dos trinta e sete que trouxera do Rio de Janeiro,—e não quis crer. —Há de ser alguma patuscada, dizia ela, mudando a posição de um alfinete. Benedita, vê se a barra está boa. [...] correu à sala interior onde o marido estudava. Quando ela ali entrou, precipitada, o ilustre médico escrutava um texto de Averróis; os olhos dele, empanados pela cogitação, subiam do livro ao teto e baixavam do teto ao livro, cegos para a realidade exterior, videntes para os profundos trabalhos mentais. D. Evarista chamou pelo marido duas vezes, sem que ele lhe desse atenção; à terceira, ouviu e perguntou-lhe o que tinha, se estava doente. (ASSIS 2007, p.50-51).

No primeiro instante, D. Evarista está provando os vestidos que trouxe do Rio de Janeiro, e quando é avisada de um relevante acontecimento que ocorre no exterior (espaço considerado público e masculino) não se importa, e continua a ocupar-se de frivolidades, representando a irrelevância do ambiente interno, privado, ao qual era relegada a mulher. “O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, [...] é criado nesse e por esse mundo masculino” (SCOTT 1995, p.75).

O quê caracterizava a família brasileira, especialmente a mulher, até metade do século XIX, era sua reclusão ao lar; pois, ao contrário das famílias européias, as brasileiras ainda não haviam cultivado o hábito de freqüentar os ambientes públicos (salões e ruas). Segundo Bordieu, a casa era o “lugar da natureza cultivada, da dominação legítima do princípio masculino sobre o princípio feminino” (1995, p.154).

Após ter confirmado a gravidade da situação que se passava fora de casa, ela, de forma passional, foi ter com o marido, explicar-lhe o que estava acontecendo. No entanto, Dr. Bacamarte, como muitos homens, não dá a devida atenção à mulher, e continua cerrado em seu mundo masculino do conhecimento.

Tal olhar mostra o não-estar feminino no mundo, ou seja, sua ausência no lugar social de prestígio e também o seu não-saber, sua incapacidade moral e intelectual. Nesse sentido, a mulher é vista superficialmente, já que os eventos se desenrolam num universo feminino limitado e sempre retratado como um ambiente negativo e inferior. (GUALDA 2008, p.101-102).

De acordo com Queluz (2007), “o estabelecimento dos padrões de comportamento feminino e masculino define-se nas relações de um com o outro, nas interações do cotidiano, como construções sociais, histórico-culturais”. É por este

motivo que se observou durante a análise tanto o comportamento de D. Evarista quanto de *Dr. Bacamarte*; pois não se pretendeu neste estudo mostrar apenas as características da mulher dadas a partir de uma visão patriarcal, mas sim quais os caminhos que fizeram com que o gênero, e não apenas o sexo fosse constituído de forma histórica e cultural. Procurou-se compreender que essa relação homem/mulher deve ser re-interpretada, como uma via de duas mãos, e não de mão única; bem como compreender as imagens do feminino e do masculino produzidas pela narrativa.

Para Scott (1995, p.75), o gênero consiste em uma “criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres”. Seu uso dá ênfase a um sistema de relações que pode incluir o sexo, no entanto, não é diretamente determinado por este, tampouco o determina. Para a autora, deve haver uma reestruturação do gênero, na qual se inclua não apenas o sexo, mas também a raça e a classe, em consoante com uma visão política igualitária.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar o conto *O Alienista*, em especial a relação entre D. Evarista e Dr. Bacamarte, o presente estudo intentou mostrar de que forma a realidade histórica pode ser representada pela obra literária numa perspectiva em que não apenas a dominação patriarcal fosse ressaltada, mas também o modo como a própria mulher se apropriava dessa dominação, na qualidade de sujeito do discurso; muito embora fosse um sujeito silenciado.

As mulheres representadas pelas adaptações são o resultado de releituras de sujeitos contemporâneos. Ao mesmo tempo em que os mesmos objetivaram manter a intenção do autor original de D. Evarista, cada qual criou uma nova mulher, com características do século XIX, mas com um olhar do século XXI. O mesmo ocorreu em relação a Dr. Bacamarte, pois, enquanto na *Figura 5* ele aparece sisudo e com o porte necessário aos homens “das letras”, na *Figura 8*, o mesmo se mostra um homem carismático, e até certo ponto político.

O presente estudo não objetivou tratar da relação entre os sexos, mas sim da linha tênue entre o masculino e o feminino representada pela arte, e, por conseguinte, por um sujeito que presenciou seu tempo e sua história, e, do modo que lhe pareceu mais adequado, legou seu testemunho pessoal à posteridade. Ao se aceitar a pluralidade das relações entre homens e mulheres, se aceita também a existência de suas diferenças. E nessas frestas entre as semelhanças e diferenças podem-se encontrar explicações a respeito não apenas de dominados/dominantes, mas também das relações entre o sujeito e seu discurso, entre o indivíduo e suas representações. O contraponto entre os personagens de Machado de Assis e as adaptações feitas para os quadrinhos dá a ver os múltiplos olhares contemporâneos sobre a obra literária e sobre o século XIX, ampliando a rede de complexidade cultural, justapondo a um só tempo a leitura do presente e do passado, atualizando as propostas machadianas.

**THE WOMAN UNDER THE SHADOW OF SCIENCE:
ANALYSIS OF GENDER REPRESENTATION IN O ALIENISTA**

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the relationship between the protagonist couple of *O Alienista* as a way of thinking about the dialogue between science, language and gender. It is intended to understand how gender and their symbolic relationships were represented in the short story and its four adaptations for comics (published between 2006 and 2008). The analysis of the proposal is to discuss how the definition of male and female roles can be outlined by the relationship between Dona Evarista and Dr. Simão Bacamarte. The goal is not to deal with one sex over another, but the fine line between masculine and feminine, in an attempt to show how the historical reality can be represented by art in a perspective that not only patriarchal domination is highlighted, but also how the woman appropriated this domination, as the subject of discourse. By accepting the plurality of relationships between men and women, it also accepts the existence of their differences. And these gaps between the similarities and differences can be found explanations about not only dominated / dominant, but also the relationship between the subject and his speech.

Keywords : O Alienista. Genre. Comics.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **O Alienista**. Porto Alegre: L&PM, 2007.

BORDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. **Educação e Realidade**. 20(1): 133-184. jul/dez. 1995.

CAVALCANTI, Lailson de Holanda. **O Alienista/Machado de Assis**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org.) **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHICOSKI, Regina. A trajetória feminina entre os Séculos XIX e XX na obra *Missa do Galo*: variações sobre o mesmo tema. **Fazendo Gênero 8** – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: agosto/2008 p.1 – 7.

GLEDSON, John. A História do Brasil em Papéis Avulsos de Machado de Assis. CHALHOUB, Sidney. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (org.) **A História Contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998 p.15-33.

GUALDA, Linda Catarina. Representações do feminino em *Dom Casmurro*: o silêncio de Capitu. **O Marrare**. Número 9 (2008), p.92-103.

LIMA, Luiz Costa. O palimpsesto de Itaguaí. **Pensando os trópicos**. Rio de Janeiro: 1991.

LOBO, Cesar. **O Alienista** / [baseado no original de] Machado de Assis; adaptado por César Lobo, arte; Luiz Antonio Aguiar, roteiro. São Paulo: Ática, 2008.

MATOS, Maria I. Santos de. Gênero e História: percursos e possibilidades. SCHPUN, Mônica Raisal (org.) **Gênero sem fronteiras**: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997, p.73-91.

MOON, Fábio; BÁ, Gabriel. **Grandes Clássicos em Graphic Novel**: O Alienista-Machado de Assis. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

MURICY, Katia **A Razão Cética**: Machado de Assis e as questões de seu tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves de. As Semioses Pictóricas. **FACE**. São Paulo. 4(2): 104-145, jul/dez. 1995.

QUELUZ, Marilda Lopes Pinheiro. **Ruídos na representação da mulher: preconceitos e estereótipos na literatura e em outros discursos**. Disponível em: http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/M/Marilda_Lopes_Pinheiro_Queluz_13_B.pdf Acesso em 28 jan. 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. 20(1): 71-99. jul/dez. 1995.

VILACHÃ, Francisco S.; RODRIGUES, Fernando A.A. **O Alienista** (Coleção Literatura Brasileira em Quadrinhos). São Paulo: Escala Educacional, 2006.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. A vida como ela é...: imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 29, dez. 2007.